



ARTIGO

## QUEM FALA TRASIANKA?

### TRADUÇÃO E HIBRIDISMO LINGUÍSTICO EM BELARUS

**Paterson Franco**

*Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil*

paterson.franco@gmail.com

**Jorge Hernán Yerro**

*Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil*

heryerro@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v4i2.35070>

Recebido em: 09/11/2020

Aceito em: 22/12/2020

Publicado em maio de 2021

**RESUMO:** Este artigo parte da tradução e legendagem do filme *Viva Belarus!* (2012) para português e tem como objetivo principal refletir sobre a tradução da linguagem híbrida belarusso-russa na obra. O longa-metragem se passa em Belarus, ex-república soviética desde 1994 sob o regime do ditador Aliaksandr Lukašenka, responsável por políticas de aproximação com a Rússia e perseguição a dissidentes, notadamente falantes de belarusso. Nesse contexto, a trasiánka, como é conhecida a fala híbrida entre belarusso e russo, oferece desafios para tradução e legendagem com viés identitário. As reflexões sobre as estratégias tradutórias são baseadas na obra de Gonçalves (1990) e identitárias, a partir do pensamento de Fanon (1968) e Foucault (2019), dentre outros.

**Palavras-chave:** *Tradução Audiovisual, Legendagem, Estudos Culturais, Estudos Pós-coloniais, Eslavística.*

## WHO SPEAKS TRASIANKA?

### TRANSLATION AND LINGUISTIC HYBRIDITY IN BELARUS

**ABSTRACT:** This article has as its starting point the translation and subtitling of the film *Viva Belarus!* (2012) into Portuguese and its main objective is to reflect on the translation of the Belarusian-Russian hybrid language therein. The feature film takes place in Belarus, a former Soviet republic since 1994 under the rule of dictator Aliaksandr Lukašenka, responsible for integration policies with Russia and persecution of dissidents, especially Belarusian speakers. In this context, trasiánka, as the hybrid language between Belarusian and Russian is known, offers challenges for translation and subtitling with regards to identity. The reflections on translation strategies are based on the work of Gonçalves (1990), and identity, based on the thoughts of Fanon (1968) and Foucault (2019), among others.

**Keywords:** *Audiovisual Translation, Subtitling, Cultural Studies, Postcolonialism, Slavistics.*



## Introdução

O fim da URSS deu origem a quinze novos países, que experimentaram processos de desconstrução do legado soviético começados ainda durante a Perestroika e a Glasnost. De um modo geral, as novas repúblicas optaram por resgatar suas bandeiras pré-soviéticas, adotando também o passado pré-soviético como referência em seus discursos identitários. Assim foi o caso de Belarus, que retomou o idioma belarusso como único oficial, o brasão *Pahonia* e a bandeira alvirrubra (*biel-čyrvona-biely sciah*). Os símbolos, originados no Grão-Ducado da Lituânia, Estado ancestral belarusso e lituano, eram oficiais durante a República Popular Belarussa, país que precedeu a ocupação soviética e hoje constitui o governo em exílio mais antigo do mundo em atividade (BNR, 2020).

Esse processo foi interrompido no país quando Aliaksandr Lukašenka chegou ao poder, em 1994. Em seu primeiro ano de governo, já sob acusações de fraude, ele conduziu um referendo para regredir os símbolos nacionais a versões praticamente idênticas aos da época soviética e atribuir à língua russa status cooficial, alterando assim cláusulas pétreas da constituição (NAVUMČYK, 2006, p. 113, 124). No ano seguinte, firmou com o então presidente russo Boris Ieltsin o acordo que criou a União Estatal de Belarus e Rússia (SOYUZ, 2020), que acabou com o controle de fronteira entre os dois países, transformando Belarus efetivamente em uma extensão do território russo.

Este é o cenário atual da República de Belarus, amplamente conhecida na mídia brasileira e internacional como a “última ditadura da Europa”<sup>51</sup> e também a única ex-república soviética onde o uso da língua russa ainda cresce, em detrimento da belarussa, saltando de 49,6%, em 1994, para 71% no uso cotidiano da população, em 2016 (JOHNSON, 2017), consequência dos mais de 25 anos do regime autoritário de Lukašenka marcados pela crescente aproximação com a Rússia, perseguição a dissidentes e estagnação econômica. Neste contexto se passa o filme *Viva Belarus!* (2012), sobre o qual me debruçarei a seguir, para uma melhor compreensão das reflexões posteriores.

---

<sup>51</sup> Em razão das manifestações contra as fraudes presidenciais de 2020, manchetes como “Os protestos em Belarus, a ‘última ditadura da Europa’”, “*Is this the beginning of the end for ‘Europe’s last dictator?’*” e “*Europe’s ‘last dictator’ in a brutal fight for survival*” recentemente têm sido vistas com cada vez mais frequência em portais como CNN Brasil, The Guardian e Financial Times (LARA; ROTH; SHOTTER & SEDDON, 2020, respectivamente). Contudo, mais de uma década antes, o regime de Aliaksandr Lukašenka já detinha este infame epíteto, como já noticiava a Globo em 2012 - “Belarus é a última ditadura da Europa” (G1, 2012) e CNN, em 2005 - “*the last remaining true dictatorship in the heart of Europe*” (CNN, 2005).



O longa-metragem conta a história de Miron Zacharka, líder da banda de rock Forza, cujas canções politizadas fazem críticas veladas ao regime de Lukašenka. Durante um show, para espanto de Miron, a plateia ergue bandeiras alvirrubras e entoam motes nacionalistas, como “Viva Belarus!” (em belarusso: “*Žyvie Bielaruś!*”), que dá nome ao filme, atos proibidos pelo governo. Como resultado disso, forças policiais lideradas pela KGB (Belarus é o único país do mundo onde a KGB continua em operação) invadem o espaço e agridem o público, detendo um grande número de manifestantes. Miron consegue fugir com Vera, jornalista que ele havia conhecido naquela noite. No dia seguinte, entretanto, agentes da KGB o detêm e o levam às autoridades militares, que o sentenciam com dois anos de serviço militar na zona radioativa de Mazyr, próxima à fronteira com a região ucraniana de Chernobyl. No quartel, Miron vivencia o tratamento desumano dado aos recrutas, a repressão contra a língua belarussa e a corrupção do sistema eleitoral. Ele então decide escrever, com ajuda de Vera, um blog clandestino como instrumento de denúncia. O blog causa grande repercussão na sociedade e provoca duras retaliações, mas Miron e Vera não arrefecem: ele se candidata a deputado para expor a falsificação dos votos, realizando campanha através de suas canções de protesto, enquanto ela se reúne com os outros integrantes da banda em uma turnê pelo país, usando igualmente a música como meio de protesto e engajamento civil.

Feito na Polônia e proibido em Belarus por sua crítica ao regime de Lukašenka, o filme, inédito no Brasil, foi premiado em vários festivais internacionais de cinema, como os de Bruxelas, Viena, Istambul e Varsóvia (WYSON, 2013). Inspirado no blog *Armiejski dziońnik Franaka Viačorki* (2009), a adaptação cinematográfica é abordada, à luz dos estudos de tradução cultural e intersemiótica, na dissertação de mestrado e livro *Cinema em exílio: Tradução e política na Belarus pós-soviética*, lançado em 2020, durante os maiores protestos contra as fraudes nas eleições presidenciais da história de Belarus. O presente artigo compõe a tese de doutorado em andamento *A tradução de múltiplas línguas de partida na legendagem de “Viva Belarus!”*, com defesa prevista para 2021, na *Universidade Federal da Bahia, em Salvador*, onde está sendo realizada a legendagem do filme, primeiro longa-metragem predominantemente em belarusso (53%) traduzido para português diretamente desse idioma. Somam-se a ele ainda o russo (42%) e a mistura dos dois, trasianka, além de trechos em polonês, inglês, lituano, francês e espanhol - cada um com sua função dentro da obra. Dessa legenda em andamento são comentados, neste



estudo, alguns casos do léxico mais desafiadores para a tradução, com o exercício da discussão sobre as escolhas e procedimentos tradutórios baseando-se na obra *Procedimentos técnicos da tradução* (GONÇALVES, 1990), visando contemplar não apenas aspectos gramaticais, lexicais e técnicos do funcionamento do idioma, mas também oferecer um olhar sobre as dinâmicas linguísticas dessa sociedade pós-soviética.

Antes de adentrar a análise propriamente dita, convém explicar com base em quais critérios a transliteração do alfabeto cirílico para o alfabeto latino é feita neste estudo. A transliteração de belaruso segue as instruções do Comitê de Propriedade da República de Belarus (BELARUS, 2007, p. 6-7), sendo as normas oficiais vigentes no país para transliteração do alfabeto cirílico belaruso ao alfabeto latino. A transliteração do cirílico russo segue as normas empregadas no curso de graduação em língua russa da USP (MELETÍNSKI, 1998). Devido à ampla variedade de sistemas, padronizados ou não, para transliterar ambos idiomas, é possível notar pequenas divergências entre a grafia dos nomes, títulos e vocábulos presentes neste trabalho e aqueles encontrados em outras fontes.

### **Um breve histórico da trasiianka**

O célebre escritor belaruso Ryhor Baradulin (2012, p. 388) conta que o nome “trasiianka” (cirílico: *трасянка*, IPA: [tra'sl'anka]) originalmente se refere à mistura de feno com palha historicamente usada na alimentação pecuária em Belarus. Por analogia, ela servirá para descrever a mistura dos idiomas belaruso e polonês, com a intermitente polonização a partir de fins do século XVII, e do belaruso e russo, com o regime soviético. Contudo, entre essas épocas a mistura de idiomas resultante da ocupação das terras belarussas pelo Império Russo já se manifestava na literatura belarussa, a exemplo da peça *Pinskaja Šlachta*, de Vincent Dunin-Marcinkievič, e *Tutejšyja*, de Janka Kupala, publicadas em 1866 e 1922, respectivamente (SENDER, 2014, p. 44). Entretanto, o surgimento e aceitação dessa nomenclatura foi um caminho longo e acidentado.

O filólogo e eslavista belaruso Hienadz Cychun (2000, p. 51) cita nomes históricos de cunho documental e literário para a “linguagem híbrida belaruso-russa” como “*čaŭpnia*” (“bobagem”), “*miešanina*” (“mistureba”), “*lamanina*” (“[língua] quebrada”), “*tarabarščyna*” (“[fala] incompreensível”), “*dziemianciejeŭka*” (“[língua de] Dziemianciej”),



em referência a Mikalaj Dziemianciej, presidente do Conselho Supremo belarusso de 1990 a 1991) e “*navajaz*”, por si uma trasiánka (ortográfica) de “*novoiaz*”, tradução russófona da linguagem chamada de *newspeak* no romance *1984*, de George Orwell. Seu colega, o linguista e crítico literário belarusso Siarhieĭ Zaprudzki (2009, p. 157) ainda vai além: “(na)paŭmoŭje” (“meia-língua”), “moŭny viniehret” (“salada lingual”), “*novamova*” (“nova língua”, forma par com a trasiánka da supracitada *newspeak*), “*ruskaja pidžyn-mova*” (“língua-pidgin russa”), “*russko-bielorusskii iazyk*” (“língua russo-belarussa”, em russo), “*drennaja russkaja mova*” (“língua russa ruim”), “*kojnie*” (em referência ao grego koiné), “*creolized semilanguage*”, “*kanhlamierat*” (“conglomerado”), “*žarhon*” (“jargão”), “*nacyjaliekt*” (“nacioleto”), dentre outros. O consenso, entretanto, é que o termo “trasiánka” neste contexto foi cunhado pelo cientista político belarusso Zianon Paźniak, em 1988 (CYCHUN, 2000, p. 70; RAMZA, 2010, p. 113; SENDER, 2014, p. 44), e sua popularidade praticamente obliterou as outras terminologias dentro e fora da academia. Isto se deve, segundo Tacciana Ramza, doutora em filologia e professora da Universidade Estatal de Belarus, à “força de sua transparente motivação, entendida por todas as pessoas, fácil de lembrar, pronunciar e usar”<sup>52</sup> (2010, p. 113). Ainda assim, trasiánka é transliterada de várias maneiras por diferentes fontes: *trasjanka*, *transyanka*, *trashanka*, *trasyanka* (SENDER, 2014, p. 45), sem contar outros inúmeros padrões existentes de transliteração dos alfabetos belarusso e russo.

Como Baradulin explica, o fenômeno da trasiánka belarusso-russa se intensifica com a chegada de dirigentes do partido comunista em Belarus vindos da metrópole durante um período de grande êxodo rural devido à rápida industrialização do país. A pesquisadora Natallia Sender, da Universidade Europeia Viadrina em Frankfurt (ibidem, p. 45), teoriza que esse foi o primeiro grande passo para o surgimento da trasiánka como fenômeno de massa. O segundo passo ocorre em consequência da Segunda Guerra Mundial, quando cerca de um terço da população belarussa morreu e o país foi reconstruído com ajuda de mão de obra russófona vinda das outras repúblicas. Soma-se a isso a intensa urbanização subsequente, educação compulsória em língua russa, que passa a ser também a língua da elite intelectual, substituta da elite belarussófona, mais de dois terços da qual, segundo o escritor belarusso Aliaksandr Fiaduta, foram “exilados,

---

<sup>52</sup> Tradução minha, do russo, de: “в силу своей прозрачной мотивировки было понятно всем, легким для запоминания, произношения и использования”.



fuzilados ou apodreceram nas prisões e campos de concentração stalinistas”<sup>53</sup> (FEDUTA, 2005, p. 68). Entretanto, a discussão acerca deste fenômeno, como vimos, só surgirá formalmente no final do século XX, quando despontou a maioria dos termos mencionados anteriormente, incluindo “trasianka”. Isto se dá, basicamente, por dois motivos: 1. a democratização que se inicia com a Perestroika e a Glasnost, que conferiu ao povo a liberdade de expressar-se e discutir praticamente qualquer manifestação de cunho sociológico (RAMZA, 2010, p. 112); e 2. a situação da língua belarussa que, segundo Zaprudzki (2009, p. 82)<sup>54</sup>, “mudou fortemente nos últimos 30 anos. Na década de 1980, linguistas belarussos escreviam ainda que a língua belarussa era a mais disseminada em Belarus (...) Agora escrevem que ela está ameaçada de extinção”. Como veremos adiante, a pauta da sobrevivência da língua belarussa está intrinsecamente ligada à discussão em torno da trasianka.

### Quem fala trasianka?

No filme *Viva Belarus!* há inúmeras ocorrências de trasianka na fala de várias personagens, inclusive de Miron, porém duas figuras em especial se destacam por falar quase que exclusivamente dessa forma: cabo Ščuka e deputado Luhavy. Essa característica aponta para uma origem rural de ambos falantes, via de regra, nativos de belarusso que aprenderam russo através de contato com falantes desse idioma, inclusive dentro dos contextos socioeconômicos em que se encontram, isto é, o primeiro no exército e o segundo na política, ambas instituições russófonas por excelência. Cychun (2000, p. 56) descreve essa dinâmica como resultado de uma “assimilação espontânea da língua russa em contato direto com seus falantes e não um processo gradativo de aprendizagem organizada de suas regras de pronúncia e gramática pelas pessoas criadas dentro de um ambiente belarussófono rural”<sup>55</sup>. A filóloga belarussa Nina Miačkoŭskaja, pioneira nos

---

<sup>53</sup> Tradução minha, do russo, de: “Сослано, расстреляно, сгноено в тюрьмах и лагерях больше двух третьей белорусских писателей”.

<sup>54</sup> Tradução minha, do belarusso, de: “за апошнія 30 гадоў статус беларускай мовы ў Беларусі моцна змяніўся. У 1980-х гадах беларускія лінгвісты яшчэ пісалі, што беларуская мова з’яўляецца найбольш распаўсюджанай у Беларусі (...) Цяпер пра беларускую мову пішуць як пра zagrożаную”.

<sup>55</sup> Tradução minha, do belarusso, de: “Як з’ява індывідуалізаваная, трасянка ўзнікае ў выніку стыхійнага засваення рускай мовы непасрэдна ў працэсе моўных зносін з яе носбітамі, а не ў працэсе паступовага арганізаванага вывучання вымовы і правілаў граматыкі людзьмі, выгадаванымі ў беларускамоўным вясковым асяроддзі”.



estudos sobre trasianka, enxerga uma verticalidade nessa dinâmica (2007, p. 91-92), afirmando que sua disseminação se deu de baixo para cima, devido às condições criadas pelas camadas mais altas (russófonas) da sociedade, afetando falantes em diferentes níveis com maior ou menor velocidade. Destarte, russo se torna o superestrato que influencia o substrato belarusso, que se “deforma pela tomada de empréstimos em massa da língua do Império”<sup>56</sup>, configurando-se assim a trasianka como um fenômeno primariamente de natureza lexical.

Definir trasianka, todavia, não é tarefa simples. Em sua tese de doutorado, a filóloga belarussa Iryna Liskaviec (apud ZAPRUDZKI, 2009, p. 205) afirma que “as fronteiras entre os códigos são linguisticamente turvas (...) [mas] reais do ponto de vista de sua percepção”<sup>57</sup>. De fato, durante a classificação de acordo com os códigos linguísticos percebidos nos diálogos de *Viva Belarus!*, surgiram várias dúvidas com relação a o quê exatamente seria trasianka nas falas das personagens. O consenso, como aponta Miačkoŭskaja, é a base lexical, porém, uma vez que a fonética da trasianka é basicamente belarussa, o próprio sotaque pode ser percebido como trasianka, a depender do contexto. Ramza (2010, p. 116) aponta nesta direção quando argumenta que um dos motivos para o surgimento desse termo no final do século XX se deve à percepção negativa em relação à fala percebida como híbrida dos dirigentes do país, rompendo-se assim os padrões linguísticos oficiais. Zaprudzki ilustra este cenário mencionando como a mídia belarussa ridicularizava os falares de Dziemianciej, em referência ao qual foi cunhado o termo *dziemianciejeŭka* anteriormente citado, e do próprio Aliaksandr Lukašenka (2009, p. 183). Ocorre que a fala do ditador é ouvida em *Viva Belarus!* (01:18:11) e, tanto gramaticalmente quanto lexicalmente, não se pode dizer que se trata de trasianka, notando-se apenas seu característico sotaque belarusso, que vem diminuindo consistentemente ao longo dos anos. Em outras palavras, mais da metade do filme está em trasianka ou apenas dezoito linhas estão - tudo depende do critério, e critérios para defini-la, segundo Ramza (2010, p. 115), até hoje não existem.

Para falantes de português pode parecer exagero que apenas o sotaque seja suficiente para desconsiderar um indivíduo enquanto falante de belarusso ou de russo,

---

<sup>56</sup> Tradução minha, do belarusso, de: “дэфармаваная масавымі запазычаннямі з мовы Імперыі”.

<sup>57</sup> Tradução minha, do belarusso, de: “межы паміж кодамі размыты лінгвістычна (...) рэальныя з пункту гледжання іх успрыняцця”.



marginalizando-o como falante de outra, “meia”, língua. Em Belarus, no entanto, com o legado soviético de uma russificação homogeneizante e inflexível, tal fenômeno é frequentemente classificado com pidgin ou crioulo (CYCHUN, 2000, p. 51-52). A crítica que Zaprudzki (2009, p. 183) faz a essa prática nos ajuda a entender essa situação. O pesquisador aponta para diferenças básicas entre trasianka e línguas crioulas, tais como: a ausência de um pidgin que a preceda devido à necessidade de comunicação entre falantes de línguas não-relacionadas (ininteligíveis), isto é, a trasianka não surgiu para desempenhar um papel de meio de comunicação entre as populações belarussa e russa; pidgins e, por extensão, crioulos têm a gramática bastante simplificada<sup>58</sup>; o inventário fonológico da trasianka é virtualmente o mesmo de belarusso ou de russo; e, por último, crioulos são verdadeiros idiomas, com falantes nativas e transmissão entre gerações, diferentemente da trasianka, “na qual a pessoa fala um linguajar misturado e não domina língua nenhuma”, o que Zaprudzki assume que pode soar como um argumento político-propagandista.

Cabe destacar que, nessa interpretação, Zaprudzki *de facto* analisa o aspecto da trasianka como língua de contato, o que só é parcialmente verdadeiro. A título de comparação, assim como o portunhol, ela não é uma língua codificada nem homogênea, como ato linguístico é imprevisível e se manifesta em diferentes níveis em diferentes falantes. De fato, ele chega a mencionar como exemplo o cocoliche, uma língua de contato falada por imigrantes de origem italiana na região de Buenos Aires, em fins do século XIX (2009, p. 195). Entretanto, diferentemente das línguas de contato, falantes de trasianka dificilmente têm amplo domínio de alguma outra língua codificada, neste caso, belarusso e russo.

Zaprudzki ainda afirma que o ato de chamar a trasianka de pidgin e/ou crioulo tem motivação política, no contexto de fins da URSS, com a intenção de denunciar o estado da língua belarussa em associação a realidades pós-coloniais onde crioulos e pidgins são falados. Não por acaso, Zianon Paźniak, criador do termo com esta conotação, foi candidato a presidente nas primeiras eleições democráticas do país, em 1994, ao lado de Aliaksandr Lukašenka, de quem ele contrastava, inclusive, por defender uma política

---

<sup>58</sup> Ainda que parca ou inexistente conjugação verbal não seja exclusividade de crioulos e pidgins (v. mandarim e norueguês, por exemplo), a profusão de flexões verbais, nominais e adjetivais de trasianka apresenta diferenças insignificantes em relação a belarusso e russo, línguas altamente flexionais.



favorável à manutenção do status da língua belarussa como única oficial, realidade alterada pelo segundo, tão logo tomou o poder. Assim, a aparente inflexibilidade do discurso linguístico belarusso forma par com os discursos identitários de cunho nacionalista belarussófono e (pós-)soviético russófono, onde não há espaço para um meio-termo ou uma terceira opção, mista, ainda que haja discussões em torno de a trasiánka algum dia se tornar um idioma próprio (RAMZA, 2010, p. 112) ou já sê-lo, como argumenta Zaprudzki (2009, p. 190):

A trasiánka pode não ser considerada uma "língua misturada" com base no pensamento de certas autoridades científicas de que os contatos entre idiomas de estreito parentesco "lembram mais o nivelamento dialetal e não a inclusão de verdadeiros elementos estruturais estrangeiros"<sup>59</sup>.

Um possível obstáculo para o reconhecimento da trasiánka como um idioma codificado e mesmo oficial é a existência da *narkamaŭka*, em si uma forma codificada de belarusso aproximada do russo, com status oficial. Não obstante, Ramza (2010, p. 115) alerta que:

(...) explicar o fenômeno da fala mista em Belarus apenas com base na comparação das normas cultas de russo e belarusso codificados não é correto. É inevitável considerar também as normas usuais de suas formas coloquiais não-literárias, principalmente dialetais (inclusive, as variações zonais) e a oralidade<sup>60</sup>.

O que a pesquisadora implica é a dificuldade em se delimitar o que é trasiánka, isto é, influência de russo na língua belarussa, e o que é variação dialetal regional (Figura 1) ou mesmo o que é de origem comum a ambos os idiomas.

---

<sup>59</sup> Tradução minha, do belarusso, de: "Трасянка можа не лічыцца 'змешанай мовай' на той падставе, што, на думку некаторых аўтарытэтных даследчыкаў, кантакты паміж блізкароднаснымі мовамі нагадваюць 'хутчэй дыялектнае нівеляванне, а не ўключэнне сапраўды замежных структурных элементаў'".

<sup>60</sup> Tradução minha, do russo, de: "объяснять феномен смешанной речи в Беларуси лишь на основании сравнения литературной нормы кодифицированных русского и белорусского языков некорректно. Необходим учет и узуальных норм их нелитературных устных форм, прежде всего диалектной (в том числе и ее зональных вариантов) и разговорной речи".

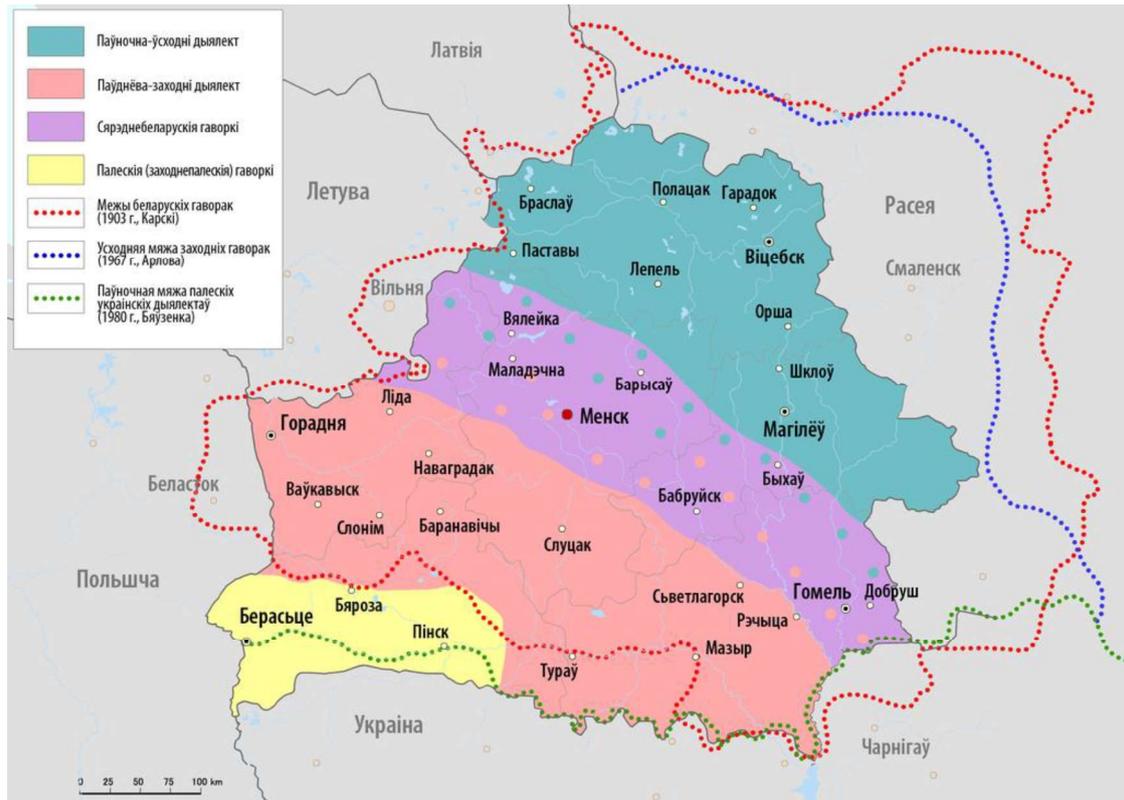


Figura 1 - Mapa das variações dialetais belarussas dentro e fora dos atuais limites do país. Legenda: verde, dialeto norte-oriental; rosa, dialeto sul-ocidental; roxo, falares centro-belarussos; amarelo, falares da região de Palieśsie (Ocidental). Linha pontilhada vermelha: limites dos falares belarussos (1903, Karski); linha pontilhada azul: limite oriental dos falares ocidentais (1967, Arlova); linha pontilhada verde: limite meridional dos dialetos ucranianos de Palieśsie (1980, Biaŭzienka). Fonte: LIANKIEVIČ & PIATROVIČ, 2013

Como podemos ver no mapa, a língua belarussa possui uma considerável variedade que ultrapassa as fronteiras do país (UNESCO, 2010, p. 182), formando uma espécie de contínuo dialetal desde Bielastok (atual Białystok, Polônia, não por acaso o único local “estrangeiro” mostrado no filme, posto que até 1945 fazia parte de Belarus) até tomar praticamente toda a região de Smaliensk (atual Oblast’ de Smolensk, Rússia), chegando a poucos quilômetros de Moscou. Ao sul existe a região etnográfica de Palieśsie, na tríplice fronteira com Polônia e Ucrânia, onde se fala, segundo a UNESCO, um outro idioma, grafado em inglês como *Polesian*, também incluído na lista de idiomas vulneráveis, junto ao belarusso. Segundo o filólogo e historiador belarusso Fiodar Klimčuk (2010, p. 72), a obra *Pinskaja Šlachta*, citada anteriormente, foi escrita nesse dialeto/idioma (“*pinčuckaja havorka*”, algo como “falar de Pinsk”) e traduzida para o belarusso literário em 1918, quando foi publicada no jornal *Voŭnaja Bielaruś*. Como vimos, esta peça é considerada um dos primeiros registros literários da trasianka, já demonstrando sua



complexidade dialetal: contém traços de belarusso, russo, polonês, ucraniano e polésio, o que se percebe mesmo em sua tradução. Além disso, a decadência da nobreza (*šlachta*) retratada na obra oitocentista parece culminar com a trasianka associada às camadas marginalizadas da sociedade atual.

### Questões sociológicas

Nas situações em que o sotaque belarusso é distinguível, o que, como mencionado anteriormente, pode ser entendido como trasianka (Liankievič & Piatrovič (2013), notam que “desde então [1988] chamam de trasianka quase tudo o que soa ‘ruim’”<sup>61</sup>), frequentemente ocorre um processo de estigmatização e preconceito linguístico. Isto se exacerba quando, de fato, a pessoa fala trasianka, isto é, mescla amplamente em sua fala não só traços fonológicos como também lexicais e gramaticais dos dois idiomas.

Em pesquisa realizada por Sender (2014, p. 48-49) com 227 respondentes que escutaram gravações de uma mulher narrando seu cotidiano em belarusso, russo e trasianka, foi verificado que a grande maioria associa esta última com trabalhos de baixa remuneração, o que corresponde inversamente aos outros idiomas. Quanto à sua escolaridade, apenas 4% opinou que a falante de trasianka poderia ter terminado o ensino superior, contra 60% para russo e 63% para belarusso. Quanto a este, é interessante notar que tal porcentagem se associa fortemente ao estudo de Letras Belarussas, uma vez que as respostas apontavam quase que exclusivamente para a profissão de docente, dentre as abordadas. Em outras palavras, o senso comum tende a julgar que somente quem ensina belarusso fala este idioma (e não necessariamente no seu dia a dia). Além do campo profissional e acadêmico, os resultados também apontam para o preconceito em torno de falantes de trasianka como incapazes de falar um idioma estrangeiro (92%) e como pessoas indesejáveis de se ter como vizinhas (quase 100% desfavoráveis). Sender nota que não foram apenas falantes de belarusso e russo que tiveram essas atitudes negativas, mas também falantes de trasianka se discriminam.

Assim como sugere a pesquisa de Sender, em *Viva Belarus!* nota-se uma hierarquização social em torno dos idiomas falados, sobretudo segundo a dinâmica

---

<sup>61</sup> Tradução minha, do belarusso, de: “З тых часоў трасянкай сталі называць ледзь не ўсё, што “кепска” гучыць”.



notada por Miačkoŭskaja (2007), onde quanto mais se sobe na pirâmide social, mais se aproxima do russo da metrópole. Desta forma, o cabo Ščuka fala quase que exclusivamente trasiianka; seu superior imediato, sargento Ruslan, fala russo com sotaque belarusso, enquanto o tenente-general, em Minsk, é falante praticamente monolíngue do superestrato. Seu distanciamento do belarusso é tamanho que ele nem sequer consegue ler o blog de Miron sem traduzi-lo ao russo<sup>62</sup>.

No campo político, a dinâmica não é muito diferente: os mesários falam trasiianka, enquanto a comissão responsável pelas fraudes fala russo. Contudo, o deputado Luhavy, em posição de relativa autoridade, fala trasiianka. Isto se deve, ao meu ver, primeiro ao distanciamento de Mazyr em relação à capital e seu status *de facto* radioativo, o que torna a região especialmente periférica em termos de importância política; segundo, deputado não é exatamente um cargo alto dentro de um regime autoritário; e terceiro, como já mencionado anteriormente, desde o final da URSS existe uma classe emergente de governantes que falam trasiianka, ou *dziemianciejeŭka*, incluindo o ditador.

Seguindo um pensamento Foucaultiano, há também a possibilidade de que Luhavy simplesmente faça parte de outro microssistema de poder, alheio ao dos mesários. Segundo o filósofo francês, o poder passa pelas massas, pelo governo, oposição, mídia e outras esferas. Pouco se sabe sobre Luhavy, além de ele ser diretor da estação de esqui local, intimamente relacionada com a retirada do status de Mazyr como zona radioativa, o que indica um nível significativo de influência econômica e política, combinação fundamental para a manutenção do aparelho de Estado, segundo Foucault (2019, p. 173):

(...) para fazer funcionar esses aparelhos de Estado que serão ocupados, mas não destruídos, convém recorrer aos técnicos e especialistas. E, para isto, utiliza-se a antiga classe familiarizada com o aparelho, isto é, a burguesia. Eis, sem dúvida, o que se passou na U.R.S.S. De maneira nenhuma pretendo dizer que o aparelho de Estado não seja importante, mas me parece que, entre todas as condições que se devem reunir para não repetir a experiência soviética, para que o processo revolucionário não atole, uma das primeiras coisas que devemos entender é que o poder não está localizado no aparelho de Estado e que nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam à margem dos aparelhos de Estado, abaixo deles, a seu lado, em um nível muito mais ínfimo, cotidiano, não forem modificados<sup>63</sup>.

<sup>62</sup> Cf. 00:26:43,513 --> 00:26:48,833; 00:27:32,800... 00:27:40,646

<sup>63</sup> Tradução minha, do espanhol, de: "(...) para hacer funcionar esos aparatos de Estado que serán ocupados pero no destruidos, conviene recurrir a los técnicos y los especialistas. Y para hacerlo se utiliza la vieja clase familiarizada con el aparato, es decir, la burguesía. Eso es sin duda lo que pasó en la URSS. De ningún modo pretendo sostener que el aparato de Estado no sea importante, pero me parece que entre todas las condiciones que deben reunirse para no repetir la experiencia soviética, para que el proceso revolucionario



Encaixar Luhavy na classe burguesa, segundo o pensamento de Foucault, nos ajuda a entender sua posição dentro do microssistema político e sociolinguístico, sobretudo se levarmos em consideração que tal classe é fenômeno relativamente recente. O sociólogo russo Renald Simonian (2010, p. 98) conta que os anos 1990 viram o surgimento de uma nova classe - conhecida na Rússia como “novos russos”, mas de jeito algum limitada apenas a este país - caracterizada por “tipos fisicamente robustos, com baixa escolaridade, obstinados, desprovidos de tabus morais, materialmente prósperos”<sup>64</sup>, a qual ocupa lugar central dentro de sua crítica à inversão de valores culturais e intelectuais que, segundo ele, as ex-repúblicas soviéticas presenciaram durante a transição para o sistema capitalista.

O comentário de Foucault, em 1975, evidentemente precede esse momento, tratando da ascensão do regime soviético com apoio da burguesia sobrevivente pós-revolução, familiarizada com o aparelho imperial. Podemos teorizar que a história se repete com Lukašenka, que se mantém no poder com a ajuda de um aparelho estatal pós-soviético, do qual faz parte Luhavy. A trasianka em sua fala aponta para uma origem rural; dentro desse microssistema, é possível que ele, morando na cidade, tenha mais domínio de russo do que familiares que permaneceram no campo, reflexo de seu status elevado. Dentro do microssistema político, entretanto, ele ocupa um dos lugares mais baixos, equiparável ao cabo Ščuka a nível militar.

O surgimento dessa classe burguesa é um fenômeno extremamente complexo, mas uma possível explicação para a ascensão socioeconômica de indivíduos marginalizados à época da crise econômica e política do ocaso soviético, em lugar da elite intelectual e política de então, pode ser teorizada a partir do pensamento de Frantz Fanon, quando este, tratando de movimentos de luta anticolonial e consciência nacional, afirma que essa dinâmica “se verifica na incapacidade do intelectual colonizado para dialogar. Porque não sabe fazer-se inessencial em face do objeto ou da idéia. Em compensação, quando milita no seio do povo, vai de surpresa em surpresa” (1968, p. 37). A classe intelectual

---

no se empantane, una de las primeras cosas que debemos entender es que el poder no está localizado en el aparato de Estado y que nada cambiará en la sociedad si los mecanismos de poder que funcionan al margen de los aparatos de Estado, por debajo de ellos, a su lado, en un nivel mucho más ínfimo, cotidiano, no se modifican.”.

<sup>64</sup> Tradução minha, do russo, de: “физически крепкий, малообразованный, напористый, лишенный моральных запретов, материально состоятельный типаж”.



despreparada e, nas palavras de Fanon, incapaz de dialogar, é representada por Miron, que se esquivava de um confronto direto com o aparelho de Estado até não ter mais escolha. Assim como a classe intelectual do país, Miron domina as normas cultas vigentes - superestrato russo e belarusso literário -, mas não a trasiánka das massas. Seu mérito está em conseguir engajar o povo local, ganhando a maioria dos votos, “de surpresa em surpresa”, trazendo-lhe a língua belarussa através da música e do blog.

À continuação, Fanon trata da população desfavorecida e menos instruída, o que podemos relacionar com a classe emergente, representada por Luhavy: “Mas o felá, o desempregado, o faminto, não se gaba de ter a verdade. Não diz que é a verdade, porque o é em seu próprio ser” (ibidem). Destarte, certas pessoas na base da pirâmide social parecem dialogar melhor com a grande maioria da população exatamente por ser parte dela, isto é, ter conhecimento de suas necessidades, pontos fortes e fracos. Assim, a classe emergente, da qual suponho que Luhavy faça parte, agiu mais rápida e acertadamente durante o colapso soviético e soube colher os frutos da transição para economia de mercado, lançando mão de todos os meios necessários para isso, como podemos inferir através de sua ligação com o governo.

Por fim, com relação a falantes “monolíngues” do superestrato russo, aparentemente no topo da cadeia alimentar retratada no filme, podemos fazer outro paralelo com Fanon, desta vez na obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008, p. 90), em que este cita o psicanalista francês Octave Mannoni para descrever uma dinâmica semelhante à colonialidade pós-soviética presente no filme:

Quais são os casos excepcionais de que nos fala Mannoni? São, simplesmente, aqueles em que o “evoluído” descobre-se, de repente, rejeitado por uma civilização que ele, no entanto, assimilou. De modo que a conclusão seria a seguinte: na medida em que o verdadeiro “malgaxe-tipo” do autor assume a “conduta dependente”, tudo vai às mil maravilhas. Mas se ele esquece o seu lugar, se por acaso mete na cabeça que quer igualar-se ao europeu, então o dito europeu se irrita e rejeita o audacioso – que, nesta ocasião, e neste “caso excepcional”, paga com um complexo de inferioridade sua rejeição da dependência.

Embora o exemplo acima seja sobre as relações coloniais entre França e Madagascar, com profundas diferenças linguísticas, culturais e raciais, podemos enxergar comportamento semelhante na Belarus pós-soviética. Contanto que o cidadão mostre uma “conduta dependente”, assim como Miron no início do filme, seguindo as diretrizes



do regime e falando seu idioma, a opressão é suportável, dentro de uma pressuposta normalidade. Entretanto, quando este quer igualdade de direitos, garantidos nominalmente por lei, o sistema responde com violência. Contudo, não é o incansável ativista Miron que “paga com um complexo de inferioridade” e, sim, o próprio colonizado Lukašenka, que sabe que nunca será visto por Moscou como igual.

Tal situação é ilustrada por Fiaduta, quando este descreve a reação do político russo Serguei Glazev ao ser perguntado sobre a possível ascensão de Lukašenka ao posto de mandatário da então recém-criada União Estatal: “[Glazev] simplesmente começou a gargalhar: - Impossível! Impossível!” (FEDUTA, 2005, p. 604)<sup>65</sup>. Não era segredo que o ditador belarusso cobiçava o cargo, motivo pelo qual ele mesmo propôs a Ieltsin a união de seus países, com a ambição de um dia presidir ambos. Porém, segundo Fiaduta, “muitos representantes da elite política russa o menosprezavam (...) não acreditavam nem viam perspectiva nele”<sup>66</sup>. O autor ainda completa: “Aonde que um ‘não-russo’ vai a comandar a Rússia?”<sup>67</sup>.

Em termos linguísticos e culturais, a situação não é diferente. Por mais que um belarusso se identifique com o *ethnos* russo e fale, por questão de princípios, exclusivamente nessa língua, ele sempre se distinguirá do russo metropolitano por entender belarusso. Exemplo disso, no filme, é a figura do tenente-general, que nunca sequer fala com sotaque belarusso, mas conversa em *code-switching* com Miron fluentemente<sup>68</sup>.

### Estratégias de tradução

Feita a distinção entre o russo com sotaque belarusso e a trasianka, abordando aspectos sociológicos do espectro vertical que vai desde falantes “monolíngues” de trasianka a falantes “monolíngues” de russo, convém abordar aspectos gramaticais que de fato caracterizam a trasianka no filme e, conseqüentemente, as estratégias escolhidas

---

<sup>65</sup> Tradução minha, do russo, de: “просто рассмеялся: — Этого не может быть! Этого не может быть!”.

<sup>66</sup> Tradução minha, do russo, de: “Многие представители российской политической элиты в то время явно недооценивали Лукашенко. Не то чтобы не хотели — не могли поверить в его перспективность”.

<sup>67</sup> Tradução minha, do russo, de: “Куда ж ему — «нерусскому» — Россией править?”.

<sup>68</sup> 00:50:02,044 - 00:50:46,800



para a tradução. O primeiro exemplo de trasianka “verdadeira” na narrativa se manifesta na fala de Ščuka quando este pergunta a Miron:

355  
00:30:54,800 --> 00:30:56,800  
<trasianka> Табе *нада* новы *целефон*?  
Você precisa de um novo telefone?

A frase começa em belarusso, com o pronome dativo *tabie* e, se continuasse nessa língua, terminaria com “*treba novy telefon?*”. Contudo, nota-se um esforço em se aproximar do russo, utilizando o predicativo *nado*. Posto que nem em russo existe a palavra “*tabie*” nem em belarusso existe “*nado*”, a frase foi marcada como trasianka. Existe em Belarus uma tendência de transcrever trasianka de maneira foneticamente aproximada à linguagem oral, possível marca de belarusso, como Sussex e Cubberley apontam: “A norma ortográfica belarussa é mais fonética que a russa no sentido de que as vogais átonas são expressamente indicadas” (2006, p. 53)<sup>69</sup>, ou seja, enquanto em russo a letra “o”, quando átona, é reduzida para /a/ (ou /e/) na fala, em belarusso, o que se pronuncia como /a/ se escreve como tal. Assim, transcrevo o predicativo russo “*надо*” foneticamente (*нада*), de acordo com a pronúncia russa, transliterado como “*nada*”, adequando o vocábulo à ortografia belarussa e, por extensão, de trasianka, assim como ocorre com *cieliefon*, aproximação fonética do russo *tieliefon*, ortograficamente adaptado à pronúncia belarussa (*cekanne*). A marcação em itálico na linha de partida serve apenas para mostrar que, ortograficamente, os termos fogem da linguagem padronizada, uma vez que a legenda, por se tratar de um código escrito, dá preferência à norma culta. No entanto, essa marcação não é transposta na linha de chegada, uma vez que *de facto* se trata de outro idioma<sup>70</sup>.

Como observado anteriormente, a manifestação de vocábulos de belarusso ou de russo na trasianka geralmente ocorre de maneira espontânea. Se considerarmos que a trasianka combina em si praticamente todas as palavras de belarusso e russo, então, a partir de dicionários das academias de ciências de Belarus e da Rússia (KAPYLOŬ, 2016;

<sup>69</sup> Tradução minha, do inglês, de: “The Belarusian orthographic norm is more phonetic than that of Russian, in that the quality of unstressed vowels is expressly indicated”.

<sup>70</sup> No filme, a legenda estará marcada com abreviação de idioma padrão ISO 639-3.



OJEGOV & CHVEDOVA, 2006), podemos conjecturar que seu inventário lexical gira em torno de 145.000 verbetes, sem contar idiomas, variações dialetais e obscenidades. Assim, a natureza híbrida da trasianka permite a formulação de frases impossíveis de existirem em cada idioma isolado, o que não apenas implica em frases onde ambos os idiomas se manifestam de maneira intercalada, como também inclui a coexistência de tais vocábulos, por vezes, dentro da mesma frase e com o mesmo significado, como no exemplo a seguir:

814  
01:18:37,767 --> 01:18:39,767  
<trasianka> *Цебя нават дажэ ў горад ня выпусьцяць*  
Nem sequer pra cidade não te deixarão ir

Enquanto no exemplo anterior o cabo Ščuka intercalou vocábulos do belarusso e do russo em sua fala, desta vez ele reúne, sucessivamente, termos equivalentes de ambos os idiomas, possivelmente para enfatizar o enunciado: *navat*, do belarusso e *daje*<sup>71</sup>, do russo, ambos significando “nem” ou “sequer”, reforçados ainda pela negação *nia* (ня). Diferentemente de outras situações no filme, onde se observam frases em belarusso com seleção de sintagma nominal em russo, esta linha se configura como trasianka desde o começo, com a forma híbrida “*ciebia*” (цебя), junção do pronome acusativo belarusso *ciabie* com seu equivalente em russo *tebia*, cognatos do pronome pessoal lusófono “te”, presente no texto de chegada. Considerando o caráter enfático da frase por meio da repetição, que ocorre apenas a nível semântico, não morfológico, reproduzi o efeito inserindo dois termos morfológicamente diferentes, mas semanticamente idênticos, na linha de chegada. Assim como no texto de partida, “nem” e “sequer” são morfológicamente distintos, mas se combinam em harmonia, refletindo a espontaneidade e naturalidade de tal construção na trasianka.

Investigar quais fatores estão por trás dessa dita “espontaneidade”, demanda um estudo à parte. Contudo, um fator que se destaca na narrativa é a declinação. Por vezes, somente quando um nome é flexionado, a trasianka se manifesta incontestavelmente, como ocorre durante a contagem dos votos, no filme:

---

<sup>71</sup> A grafia “*дажэ*” (*dajè*) caracteriza marca de trasianka por adaptação às regras ortográficas belarussas. Em russo, a grafia padrão é *даже*.



873  
01:22:31,147 --> 01:22:36,747  
<russo> Захарко, Захарко, Луговой, Захарко...  
Zakharko, Zakharko, Lugovoi, Zakharko...

874  
01:22:36,772 --> 01:22:38,719  
<trasianka> Как-то много этого Захарки  
Tem muito desse Zakharka

Embora a linha 873 conte apenas com os sobrenomes dos candidatos, um dos quais soa idêntico tanto em belarusso quanto em russo - Zakharko (*Захарко*) / Zacharka (*Захарка*), IPA: [za'xarke] -, sabemos que a frase está em russo pela pronúncia do nome “Lugovoi” (*Луговой*), IPA: [luge'voj]. A título de comparação, em belarusso seu nome é Luhavy (*Лугавы*), IPA: [luɣa'vi] e em trasianka, ao menos em tese, seria [luɣa'voj], de acordo com a fonética belarussa (SUSSEX & CUBBERLEY, 2006, p. 143).

Convém mencionar que em Belarus, desde que Lukašenka tornou o russo cooficial, nomes pessoais são grafados nos documentos de identidade de acordo com as tradições dos dois idiomas. Ou seja, não se trata apenas de acomodações ortográficas entre os dois alfabetos, mas *de facto* traduções. Sobre as complexidades relativas a essa situação, o linguista belarusso e membro da Academia Nacional de Ciências do país, Aliaksandr Lukašanec (2016, p. 181-182) escreve que não há consenso na transliteração entre os dois idiomas e destes para o alfabeto latino, somando-se a essa problemática questões tradutórias, culturais e até religiosas. Assim, Miron se refere a seu concorrente, em belarusso, como Luhavy (01:20:20), enquanto a comissão o chama de Lugovoi; do mesmo modo, seu companheiro da banda Forza, Žmicier, é chamado de Dmitri pelo agente da KGB (01:05:56), de acordo com a tradição russófona.

A linha 874 continua em russo padrão, “*kak-to mnogo etogo*”, porém é marcada como trasianka devido à declinação que a sucede: *Zakharki* (*Захарки*). Aqui, o sobrenome da personagem é declinado segundo o paradigma do caso genitivo (partitivo) singular com terminação em *-a*. Em russo, dado que o nome termina em *-o*, não há declinação. Na legenda, para marcar esta *différance*, optei por transcrever segundo o padrão russófono, com a desinência *-u* apontando para uma influência gramatical do belarusso, isto é, nem



a declinação corresponde às normas do russo nem a letra *-u* existe em belaruso, denotando assim uma terceira língua. Na tradução, este mecanismo é reproduzido usando o caso nominativo - “Zakharka”, mistura de “Zakharko” e “Zacharka”.

É interessante notar que a declinação do sobrenome de Miron, na fala dos membros da comissão, segue o mesmo paradigma de declinação para o caso acusativo, o que poderia indicar uma possível ordem inerente à suposta espontaneidade da trasiianka:

940  
01:32:24,558 --> 01:32:27,800  
<trasiianka> За Лугавога 2/3, а за Захарку 1/3  
  
2/3 para Luhavoi e 1/3 para Zakharka  
  
941  
01:32:29,474 --> 01:32:30,475  
Так многа Захарке?  
  
Tanto para Zakharka?

Na linha 940 destaca-se, mais uma vez, a trasiianka por declinação. A forma acusativa *Zakharku* só é possível na gramática belarussa, ressaltando-se que em russo “Zakharko” não é declinável. Todavia, a hipótese de que nomes em trasiianka se declinem segundo a gramática belarussa cai por terra diante da declinação para o caso dativo presente na frase seguinte, na qual o sobrenome de Miron é flexionado segundo o paradigma do caso dativo russo para nomes terminados em *-a* (tabela 1).

**Tabela 1 – Declinação do nome “Zakharko” em belaruso, russo e trasiianka**

“Zakharko” (dativo)	Belaruso	Russo	Trasiianka
Cirílico	Захарку (m) Захарцы (f)	Захарко	Захарке
Transliteração	Zacharku Zacharcy	Zakharko	Zakharke
IPA	[za'xarku] [za'xartsʲi]	[ze'xarke]	[za'xark'e]

Uma diferença marcante entre os sistemas de declinação do belaruso e do russo é que os nomes no primeiro são declinados, nos casos dativo e instrumental singular, de



acordo com o gênero, independentemente de sua terminação no nominativo. Assim, ainda que “Zacharka” termine com *-a*, por estar no masculino ele flexiona como tal. A terminação *-e* surge, portanto, não do belarusso, mas sim do paradigma russo para o caso dativo, que não diferencia gênero (SUSSEX & CUBBERLEY, 2006, p. 339). Assim, a natureza híbrida da trasianka abrange não só o léxico, mas também os paradigmas e variações de cada idioma. Cabe ressaltar que a declinação acima descrita não exclui outras possibilidades, podendo mudar de acordo com o momento e com o falante, como veremos no exemplo a seguir.

O outro nome citado na linha 940, *Lugovoi*, por sua vez é declinável em russo, bem como em belarusso e trasianka, cujos paradigmas resultam em flexões indistinguíveis no caso acusativo, conforme tabela 2. Mesmo em termos fonéticos, o sobrenome do oponente de Miron coincide com o paradigma belarusso, tornando assim o idioma da frase como um todo passível de ser classificado como tal, incluindo a contagem fracionária.

**Tabela 2 – Declinação do nome “Lugovoi” em belarusso, russo e trasianka**

“Lugovoi” (acusativo)	Belarusso	Russo	Trasianka*
Cirílico	Лугавога	Лугового	Лугавога
Transliteração	Luhavoha	Lugovogo	Luhavoha
IPA	[luʎa'voʎa]	[luʒe'vove]	[luʎa'voʎa]

\* Apenas ortograficamente.

Todavia, a frase continua sendo marcada como trasianka, posto que se sabe, pelo contexto, que o nome declinado em questão é *Lugovoi*, não *Luhavy*. Isto significa que, conforme a tabela, a forma “Luhavoha” se trata de trasianka, ou seja, “Lugovogo” pronunciada com sotaque belarusso. Cabe destacar que o exemplo de trasianka da tabela é peculiar à linha 940, não necessariamente servindo de referência para outras instâncias. Na linha 877 (01:22:43), por exemplo, o sobrenome do candidato é pronunciado como “*Luhavova*”, mesclando simetricamente na mesma palavra a norma fonética belarussa - *Luha* - com a russa, - *vova* (SUSSEX & CUBBERLEY, 2006, p. 49). Isto reforça o princípio de espontaneidade da trasianka, que não apenas toma empréstimos lexicais do superestrato, como indica *Miačkoŭskaja*, mas também opera a nível morfêmico, amalgamando regras gramaticais e fonológicas de maneira idiossincrática e imprevisível.



## Considerações finais

Como vimos, a discussão em torno da trasianka é sempre pautada, direta ou indiretamente, em torno da sobrevivência da língua belarussa. Considerada um vetor russificante, ela frequentemente é percebida como uma ameaça à existência da língua nacional, queira pelo risco de substituí-la como nacioleto, queira por obliterá-la, ao longo das gerações, em prol do superestrato. Tal percepção contribui para a discriminação e marginalização dos indivíduos que venham a ser classificados como falantes dessa língua, uma classificação altamente arbitrária, uma vez que não há parâmetros suficientemente rigorosos que a definam.

Em termos deleuzianos, trasianka é devir; seu poder de aproximação da língua russa é atualmente utilizado a favor do regime desde que Lukašenka se candidatou à presidência, porém isto não quer dizer que esse devir não anseie por uma aproximação do belarusso. No filme, vemos isto na figura de Ščuka, o maior aliado de Miron no quartel. O cabo faz parte do sistema e, a princípio, somente ajuda o protagonista por dinheiro. Mesmo sem entender ao certo por que este se submete a tantos tormentos pelo direito de falar belarusso, o militar paulatinamente se posiciona contra o regime, firmando-se genuinamente do lado do protagonista ao devolver-lhe o celular com a gravação das fraudes, momento catalisador das derradeiras manifestações. Tal posição não é isolada, visto que Miron também consegue o apoio da grande maioria dos recrutas e da população de Mazyr, graças ao blog e ao ativismo de Vera e da banda Forza, evidenciando as crueldades do regime.

Por outro lado, Luhavy mostra que nem todo falante de trasianka está propenso a se alinhar com falantes de belarusso. O inescrupuloso diretor da estação de esqui tem relação praticamente simbiótica com o regime, cuja decisão de remover o status de zona radioativa do local coincide com suas ambições comerciais. Ele participa diretamente das fraudes e visa somente o lucro, em detrimento da população doente e abandonada pelo Estado, representando falantes de trasianka que se aliam com a classe dominante, russófona, visto que nela percebem, mesmo que inconscientemente, possibilidades reais de lucro e ascensão socioeconômica.

É possível argumentar que a dicotomia Ščuka-Luhavy transmite uma mensagem ao público. Uma mensagem de união entre os grupos sociais discriminados contra um



inimigo em comum: o regime russófono de Lukašenka, em si um desdobramento do imperialismo russo. Tal como a oposição belarussófona, perseguida e reduzida, Miron precisa da ajuda de Ščuka para fazer frente ao sistema. Este, por sua vez, representa a grande população falante de trasianka, acostumada a receber ordens de cima, aonde almeja chegar e, tal como na hierarquia militar, espezinhar quem está abaixo. A diferença entre ele e Luhavy surge apenas quando seus interesses pessoais são postos de lado, em prol de um bem maior, mostrando assim ao público que nunca é tarde para se redimir e lutar pelo que é certo. Neste sentido, Luhavy é o exemplo a não ser seguido, uma vez que seus ganhos pessoais vêm em primeiro lugar, representando, em última instância, o próprio ditador, falante de trasianka cujo complexo de inferioridade o leva a negar suas origens e a empenhar-se, em vão, a se igualar à antiga metrópole, em detrimento da língua, cultura e soberania de sua nação.

O cenário do país retratado no filme é produto de séculos de imperialismo russo-soviético, e a trasianka é reflexo disso, mas também, ela é um potente indicador da resiliência do idioma belarusso que, como a murta, concede e flexibiliza para sobreviver, apesar de esforços monumentais para extingui-lo, sempre pronto para reagir e retomar seu lugar. Para tanto, o diálogo e a compreensão mútua são fundamentais, afinal, o resultado de um processo centenário não pode ser alterado subitamente. A suposta ameaça que a trasianka representa à sobrevivência do belarusso é tão diminuta quanto sua passagem pelo filme - pálida em comparação à esmagadora presença da língua russa. Esse receio exagerado, por vezes demonstrado em círculos acadêmicos, faz pouco mais que canalizar o ódio ao lado mais vulnerável, dinâmica semelhante à vivenciada por pessoas que falam trasianka, as quais, por sua vez, frequentemente se veem desencorajadas a transitar para a rebuscada linguagem de intelectuais, mais fácil de refutar em prol do superestrato imposto pelo regime. Assim, tanto falantes de belarusso que ojerizam a trasianka, quanto falantes de trasianka que desprezam o belarusso, involuntariamente ajudam a língua russa a manter sua supremacia no país e este é o grande problema constante na narrativa: a desigualdade entre as línguas oficiais. É importante ressaltar que em nenhum momento do filme, ou mesmo do blog em que ele se baseia, pleiteia-se a remoção do status cooficial da língua russa, ainda que tal configuração tenha sido imposta arbitrariamente pelo ditador. O problema não é falar russo, afinal, Belarus é um Estado historicamente plurilíngue e multi-étnico, onde até um século atrás



falava-se, oficialmente, não só belarusso e russo como também polonês e ídiche, mas falar *somente* russo. O que é espantoso, quiçá até mais para o público estrangeiro, é que seja tão difícil falar belarusso em Belarus, considerando que este é, ao menos nominalmente, o idioma da maioria da nação. Para mudar este quadro, a mensagem do filme não deixa dúvidas: é preciso se unir, e a trasiianka é uma importante aliada.

## REFERÊNCIAS

BARADULIN, R. Трасянка. In: **СЛОЎНІК СВАБОДЫ: XX стагодзьдзе ў беларускай мове.** Слова на дзень для памяці і для роздуму. Praga: RFE/RL, 2012, 516 p.

BELARUS. **National System of Geographic Names Transmission into Roman Alphabet in Belarus.** In. United Nations Conference on the Standardization of Geographical Names, 9. Nova York: ONU, 10 jul. 2007, 8 p.

BNR. **The Belarusian Democratic Republic official website.** 2020. Disponível em: <<http://www.radabnr.org/>> Acesso em: 05 de outubro de 2020.

CNN. Rice: Belarus is 'dictatorship'. **CNN International**, 20 abr. 2005. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2005/WORLD/europe/04/20/rice.belarus/>> Acesso em: 14 set. 2020.

CYCHUN, H. Крэалізаваны прадукт: Трасянка як аб'ект лінгвістычнага даследавання. **ARCHE Пачатак**, Mensk, n. 6 (11), 2000, p. 51-58.

FANON, F. **Os condenados da terra.** Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, 275 p.

\_\_\_\_\_. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, 194 p.

FEDUTA, A. **Лукашенко: политическая биография.** Moscou: Referendum, 2005, 704 p.

FOUCAULT, M. **Microfísica del poder.** Traducción de Horacio Pons. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2019, 251 p.

GONÇALVES, H. **Procedimentos técnicos da tradução: Uma nova proposta.** Campinas: Pontes, 1990, 120 p.

G1. 'Melhor ser um ditador do que ser gay', diz presidente de Belarus. **G1**, 04 mar. 2012. Disponível em: <<http://glo.bo/AllrYA>> Acesso em: 14 set. 2020.

JOHNSON, S. Russian language in decline as post-Soviet states reject it. **Financial Times**, 13 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/c42fbd1c-1e08-11e7-b7d3-163f5a7f229c>> Acesso em: 21 jun. 2018



KAPYLOŬ, I. **Тлумачальны Слоўнік Беларускай Літаратурнай Мовы**. Minsk: Bielaruskaja Encykłapiedyja imia Pietrusia Broŭki, 2016, 968 p.

LARA, L. Os protestos em Belarus, a 'última ditadura da Europa'. **CNN Brasil**, São Paulo, 27 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/08/27/os-protestos-em-belarus-a-ultima-ditadura-da-europa>> Acesso em: 02 set. 2020.

LIANKIEVIČ, U.; PIATROVIČ, A. **Моўны вентылятар: памылак не існуе**. 13 dez. 2013. Disponível em: <<https://budzma.by/news/mowny-vyentylyatar-pamylak-nye-isnuye.html>> Acesso em: 07 out. 2020.

LUKAŠANIEC, A. Беларуска-рускае двухмоўе і праблемы сучаснай іменаслоўнай практыкі. In: **Региональная ономастика: проблемы и перспективы исследования**. Viciebsk: VDU, 2016, p. 180-184.

MELETÍNSKI, E. M. **Os arquétipos literários**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. Cotia: Ateliê Editorial, 1998, 315 p.

MIAČKOŬSKAJA, N. Трасянка ў кантынууме беларуска-рускіх ідыялектаў: хто і калі размаўляе на трасянцы. **Веснік БДУ**, Minsk, s. 4, n. 1, 2007, p. 91-97.

NAVUMČYK, S. **Сем гадоў Адраджэння, альбо фрагменты найноўшай беларускай гісторыі (1988–1995)**. Varsóvia: Bielaruskija viedamaści, 2006, 140 p.

OJEGOV, S.; CHVEDOVA, N. **Толковый словарь русского языка**. Moscou: A Temp, 2006, 944 p.

RAMZA, T. Трасянка: нацыянальна-прецедэнтны феномен или «ключевое слово текущего момента»? **Беларуская думка**, Minsk, n. 7, 2010, p. 112-116

ROTH, A. Is this the beginning of the end for 'Europe's last dictator'?. **THEGUARDIAN**, 02 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/aug/02/is-this-the-beginning-of-the-end-for-europes-last-dictator>> Acesso em: 02 set. 2020.

SENDER, N. Measuring language attitudes. The case of Trasiianka in Belarus. **Linguistik online**, Frankfurt, n. 2, 2014, p. 43-55.

SHOTTER, J; SEDDON, M. Europe's 'last dictator' in a brutal fight for survival. **Financial Times**, Varsóvia, Moscou, 14 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/4b9c32a1-2494-4f36-a10f-2777ec429e5d>> Acesso em: 02 set. 2020.

SOYUZ. **Информационно-аналитический портал союзного государства**. 2020. Disponível em: <<https://soyuz.by>> Acesso em: 08 de outubro de 2020.

SUSSEX, R; CUBBERLEY, P. **The Slavic Languages**. Nova York: Cambridge University Press, 2006, 638 p.

UNESCO. **Atlas of the World's Languages in Danger**. 3ª ed. Paris: UNESCO, 2010, 221 p.



VIAČORKA, F. **Armiejski dziońnik Franaka Viačorki**. Minsk, 12 jun. 2009. Disponível em: <[naviny.by/rubrics/society/2009/06/12/ic\\_articles\\_116\\_161266](http://naviny.by/rubrics/society/2009/06/12/ic_articles_116_161266)> Acesso em: 28 jan. 2016.

VIVA BELARUS!. Direção: Krzysztof Łukaszewicz. Produção: Tadeusz Drewno, Daniel Markowicz e Włodzimierz Niderhaus. Intérpretes: Dzmitry Papko; Vadim Affanasiev; Karolina Gruszka; Anatolii Kot e outros. Roteiro: Krzysztof Łukaszewicz e Franak Viačorka. Música: Lavon Volski. Polônia: WFDIF, Canal +, Polski Instytut Sztuki Filmowej, 2012. 1 DVD (98 min.), widescreen, color.

WYSON, K. Viva Belarus! Premieres In Washington. **Radio Free Europe / Radio Liberty**, 14 nov. 2014. Disponível em: <<https://pressroom.rferl.org/a/viva-belarus-premieres-in-washington/25168573.html>> Acesso em: 03 out. 2014.

ZAPRUDZKI, S. Некаторыя заўвагі аб вывучэньні «трасянкi», або Выклікі для беларускіх гуманітарных і сацыяльных навук. **ARCHE Пачатак**, Mensk, n. 11-12, 2009, p. 157-200.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela bolsa de doutorado. A Volha Yermalayeva Franco, pela inspiração e apoio incondicional. Ao Dr. Jorge Hernán Yerro, pela imprescindível orientação.

## Biografia dos autores

**Paterson Franco** é bolsista da FAPESB na modalidade doutorado no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Linha de pesquisa: Estudos de Tradução Cultural e Intersemiótica. Autor do livro *Cinema em Exílio: Tradução e Política na Belarus Pós-soviética*, fruto de sua pesquisa de mestrado. Tem experiência com ensino, tradução e legendagem de belaruso, russo e outros idiomas, com foco em Estudos Culturais Pós-soviéticos.

**Jorge Hernán Yerro** é possui doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia, onde é professor adjunto e membro docente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Tradução, atuando principalmente nos seguintes temas: Estudos de tradução, legendagem, tradução automática, tradução de manifestações artísticas e culturais subalternizadas, tradução e ética.